

SOBRE *OLD BOY*, O CARÁTER TRÁGICO E SUA RELAÇÃO COM A SABEDORIA DO ORIENTE

Bony Braga Schachter
Artista plástico/Rio de Janeiro

Resumo: Estudo de *Old boy*, do cineasta coreano Park Chan-wook, buscando analisar o filme em comparação com diversos elementos constituintes do pensamento grego clássico e do pensamento chinês antigo, de modo a estabelecer paralelos entre aqueles valores e aquelas concepções de mundo com as habilidades críticas da arte cinematográfica contemporânea.

Palavras-chave: Cinema coreano; Tragédia; Taoísmo; *Old boy*; Park Chan-wook.

Abstract: The study of *Old Boy*, from the Korean film maker Park Chan-wook, aiming at analysing the film in comparison with diverse constitutional elements of the classical Greek thought and the ancient Chinese thought, as a means of establishing parallels between those values and conceptions of the world with critical skills of the contemporary cinematographic arts.

Key-words: Korean Cinema; Tragedy; Taoism; *Old Boy*; Park Chan-wook.

O filme *Old Boy*, do diretor coreano Park Chan-wook conta, em uma linguagem contemporânea, uma história antiga, a saber: a história da existência humana, brilhantemente vivida pelos gregos em suas tragédias.

Old Boy e a tragédia grega são equivalentes esteticamente. São obras que atingem uma universalidade, pois o tema de que tratam diz respeito a todos. A todos, sem exceção, desde que humano. Como se esquivar do trágico?

É inegável em *Old Boy* a estrutura trágica mapeada por Nietzsche. É imprescindível reconhecer na obra os elementos característicos da tragédia grega, formadores da estética das artes elevadas: a perfeita harmonia alcançada entre o apolíneo e o dionisíaco, a equivalência entre o viver e o morrer, a resolução heróica, a prisão do existir, a dor do conhecimento, e, sobretudo, a afirmação da vida: a vitória da sensibilidade e da alegria sobre as *forças fracas*, acima de tudo do que for apático.

Em *Ecce homo*, escreve Nietzsche a respeito de *O nascimento da tragédia*:

Helenismo e Pessimismo – seria um título mais preciso, dado que ensina pela primeira vez como os gregos se libertaram do pessimismo, com que meios o *superaram*... A tragédia é uma prova precisa de que os gregos não eram pessimistas; Schopenhauer enganou-se nesse particular, como sempre se enganou em tudo.

O nascimento da tragédia carrega consigo, implicitamente, toda a força dionisíaca da filosofia nietzschiana: seu poder afirmativo e sua crítica ao cristianismo. Comprova-se isso pelas palavras de Nietzsche, em *Crepúsculo dos ídolos*, levando em conta o conceito de *nascimento*:

Todas as particularidades do ato da geração, da gravidez, do nascimento despertam os mais elevados e os mais solenes sentimentos. Na ciência dos mistérios, a *dor* é santificada: os “trabalhos de parto” tornavam a dor sagrada – tudo o que é devir e crescimento, tudo o que assegura o futuro *necessita* da dor... Para que haja a alegria eterna da criação, para que a vontade de viver se afirme eternamente por si mesma, é *necessário* também que existam as “dores do parto”... A palavra Dionísio significa tudo isso: não conheço simbolismo mais elevado que esse *simbolismo* grego, aquele das festas dionisíacas. Para ele, o mais profundo instinto da vida, aquele da vida futura, da vida eterna se traduz de uma forma religiosa – a própria via da vida, a procriação como *via sagrada*... Somente o cristianismo, com seu fundo de ressentimento *contra* a vida, fez da sexualidade algo impuro: joga lama sobre o começo, sobre a condição primeira de nossa vida...

A harmonia entre apolíneo e dionisíaco consiste, antes de tudo, em confronto, tensão. Não há a esterilidade do cristianismo, mas a alegria pagã. A vida promove luta, movimento e embate: idéias guerreiras, provenientes de Heráclito. Dioniso eleva a sensibilidade à enésima potência, enquanto Apolo estabelece limites. Dioniso reside no âmbito da sensação com a potência máxima e simultânea de prazer e dor. Apolo, por sua vez, reside no campo da imagem. Dioniso é música e unidade. Apolo, palavra – poesia e individuação. Dioniso e Apolo confrontam-se, e desse duelar a vida perpetua-se, nasce, por um excedente de força. Comporta, também, morte e prisão: *o ser é sendo*, máxima dos apologistas do *devir*. O brilho da natureza, a aparência, mostram que nenhum significado oculto precisa ser buscado. Nem significado, nem *sentido*. Tudo é tornar-se.

Quanto às origens orientais (coreanas) de *Old Boy*, pode-se apontar uma certa compreensão trágica presente em textos da sabedoria chinesa (taoísta) em *Lie Tse – O*

tratado do vazio perfeito:

Yang Zhu disse: – Cem anos é a longevidade máxima, que menos de uma pessoa em mil atinge. Para aquele que a atinge, uma infância de que é preciso cuidar e uma velhice confusa e impotente ocupam a metade do tempo. O nada das noites passadas dormindo e o desperdício dos dias passados a cochilar ocupam a metade do que resta. Dores, doenças, lutos, males, perdas, fracassos, tristeza e preocupação também ocupam a metade do que resta. Só sobra uma hora livre de qualquer preocupação nos dez anos e pouco que deveriam restar para a pessoa. Isso é vida? Onde está a alegria? Na beleza, na bondade, nos sons, nas cores? Beleza e bondade não são eternas. Os sons e as cores cansam. Além dos mais, recompensas e castigos estimulam e freiam, renome e leis impõem obrigações. Perturbada, a pessoa desperdiça o seu tempo para obter elogios vazios e honras póstumas. Renuncia aos prazeres dos ouvidos e dos olhos em nome de princípios relativos ao corpo. Perde a alegria suprema do presente, incapaz de dominar nem que seja uma hora o instante. É semelhante vida melhor do que a de um preso acorrentado? Conhecia-se na Alta Antiguidade a brevidade da vida que todos sabiam que se apressava à morte. É por isso que os atos estavam de acordo com os sentimentos. Ninguém resistia às suas inclinações. Ninguém repudiava o que agradava o corpo. É por isso que ninguém procurava o renome e todos se deixavam guiar pela natureza. As pessoas deixavam que as inclinações se realizassem. Uma vez que o renome póstumo não era procurado, os castigos não tinham efeito. Não havia preocupação com os elogios passados ou futuros, nem com a duração da vida.

No contexto trágico, a vida como prisão corresponde ao fato de não haver o querer, nela não há livre-arbítrio. Pode-se, quando muito, *escolher as algemas com que se anda*, numa visão heideggeriana. Há, no entanto, a *vontade de vida*.

O herói trágico de *Old Boy*, Oh Dae Su, assume seu *destino* e simplesmente *segue seu caminho*. Nessa atitude mora a afirmação dionisíaca da vida, onde, conforme Nietzsche, *até mesmo a dor age como estimulante*. A cena em que o herói dá uma gargalhada em meio a sua própria tortura é a prova de que se trata de um verdadeiro discípulo do filósofo Dioniso.

A maior dor é aquela que vem do conhecimento, configura-se como a mais potente de todas, a mais terrível: monstruosa: ironicamente sublime.

Não por acaso que Oh Dae-Su, ao final, decide que o *monstro* que nele habitava deve ser apagado. Eis, talvez, um desfecho inusitado para uma tragédia, proveniente do contato com a cultura do extremo-oriental. A temática da *saúde que há em esquecer* é trazida pelo artista coreano, e já fora exposta pelos orientais em um estado de forças diferente, e igualmente vigoroso, no *Tratado do vazio perfeito*:

A morte do filho não afligiu de modo algum Wu, o homem do Ling, da porta do Leste.

O intendente: – ninguém no mundo ama mais o próprio filho do que vós amais o vosso. Por que não vos afligistes com a morte dele?

Wu:– não tenho mais filhos. Não ficava aflito quando não tinha filhos. Meu filho morreu. A situação é a mesma de quando eu não tinha filhos. Por que ficaria aflito?

Seria o velho Wu o próprio Sileno?